BAÍRA

—

Estou tentando, com esta peça, criar uma figura de soberania “totalmente” brasileira. Para isso não houve personagem melhor em nossa mitologia geral do que Baíra, espécie de herói dos indígenas Kawahiva. Tem, como consta em Nimuendajú (“The Cawahib, Parintintin and their neighbors”), equivalentes em outros povos; muitas das suas façanhas se repetem. Escolhi o Baíra dos Kawahiva por ser o mais próximo e o que tem, até onde sei, as estórias mais modernas. As que reproduzo estão todas colecionadas por Nunes Pereira em seu Moronguetá (catou-as entre os Parintintim), outras referências retirei do que Miguel Menéndez coletou entre os Tenharim. Naturalmente, os primeiros impulsos para esse projeto vieram de Mário de Andrade e seu Macunaíma. Como este herói, que Koch-Grünberg descreveu como “*verschlagener*” (com nota de rodapé que lia “Im Portugiesischen: mais safado.”), Baíra inventa a sua própria experiência, realiza as suas proezas de uma maneira estupefaciente e singular. Dar-lhe voz requer não se render nem à primeira, nem à segunda, nem à terceira imaginação, só à última. Isso transforma o livro numa coletânea de *complexa* e *impossibilia*. As duas maiores fontes para esse tipo de poesia foram 1) a lírica nordestina (v. Cego Aderaldo vs. Domingos Fonseca; Beija-Flor e Vem-Vem, “Tudo isso eu sei fazer”); 2) haikais e tankas (v. Makoto Ueda, “Modern Japanese Haiku”). Há outras. Dos japoneses ainda estive atento ao teatro Nô. O tom elevado e cerimonial, o entrecortar das vozes dos dois personagens, daí vieram. Para ser sincero, seria plausível descrever o livro como um Nô brasileiro. Claro, sem nada da sua estrutura. Aquele é um teatro que, embora dê conta da natureza, concentra-se muito mais sobre a flora do que sobre a fauna. Aí tem uma distinção entre ele e o que tentei fazer: a selva de Baíra transborda vida animal. As metamorfoses que opera ignoram qualquer tipo de taxonomia que separe deuses, mulheres, homens, animais, plantas e pedras – mudam-se um no outro livremente porque compartilham de uma espécie de animalidade essencial: tudo ruge. E tudo veste a máscara de toda outra coisa – humanidade? Não se tece daí, obviamente, nenhuma trama. Ou melhor, em contraste com esses elementos que largam a forma tão logo aparecem, uma só máscara deixa marcado o rosto do Pavãozinho-do-Pará e ensaia uma trama: é a máscara da mulher. Ela, recém-criada, escapa ao círculo de coisas de Baíra por causa da sua graça (o que é diferente de beleza) e só volta para uma conciliação final – o que, mais uma vez, aproxima a peça do teatro Nô.

Sobre aspectos práticos, deixo-os aos que performarão a peça, sejam eles diretores ou leigos. Fiz questão de deixar reticentes as orientações de cena, de modo que a maior parte de *como* a cena se daria fosse da liberdade total da performance. Sobre o figurino: o ideal seria que houvesse máscaras, uma para Baíra e outra para o Pavãozinho (ou quiçá várias, de acordo com o número de personagens que esses representam), e adereços, todas essas coisas produzidas, idealmente, por um artesão de sensibilidade. O uso de objetos cênicos, seguindo a mesma linha de *design* do figurino, é encorajado. A única real imposição que faço: não encenar o "Baíra" com montagem completa de cenário. Essencialmente, a ideia é a mesma de Yeats: que qualquer um, em qualquer lugar (exceto num palco tradicional), possa encenar este drama, sem necessidade de recursos materiais ou humanos. Que dois brinquem de Baíra e Pavãozinho, isso cumpre a destinação da peça.

Engie Monteiro

BAÍRA

REI-INVENTOR

SE DEVE VIVER   SEGUNDO A IMAGEM

DA PERIPÉCIA DE UM DEUS

PAVÃOZINHO – Eu sou Baíra...

BAÍRA – Tu és pedra.

PAVÃOZINHO – E eu serei teu mestre.

BAÍRA – Sopro meu sopro

em teu ônfalo de jaguara,

que eu sou deus, e rugirás comigo.

Sopra sobre uma pedra, ela ruge

Quem mata a água a grito?

PAVÃOZINHO – O tubarão.

BAÍRA – Quem mata o ar a murro?

PAVÃOZINHO – O gavião.

BAÍRA – Quem mata o mato a choro?

PAVÃOZINHO – A mãe.

BAÍRA – E quem mata o fogo a dedo?

PAVÃOZINHO – Tu, Mestre Baíra.

BAÍRA – Eu canto.

PAVÃOZINHO – Canta.

BAÍRA – Eu danço.

PAVÃOZINHO – Dança.

BAÍRA – Eu brinco.

PAVÃOZINHO – Brinca.

BAÍRA – Eu morro.

PAVÃOZINHO – Quase.

BAÍRA – Eu vivo!

PAVÃOZINHO – Não.

BAÍRA – Mundo!

PAVÃOZINHO – Decuá pocu!

BAÍRA – Mundo!

PAVÃOZINHO – Decuá pocu!

BAÍRA – Mundo?

PAVÃOZINHO – Decuá pocu.

Baíra dança e sopra sobre a pedra

BAÍRA – Eu vou fazer uma nova experiência.

PAVÃOZINHO – Baíra não tinha mãos.

CANTOU BAÍRA

BAÍRA – Cuspiu Tupanagã.

PAVÃOZINHO – Saiu um trovão.

BAÍRA – Pulou a barra.

PAVÃOZINHO – Pula a barreira do céu.

BAÍRA – Sobe o céu Tupanagã.

PAVÃOZINHO – Pelo buraco subiu.

BAÍRA – A chuva vaza.

PAVÃOZINHO – Desce o trovão.

BAÍRA – Tupanagã sobe o céu.

PAVÃOZINHO – Baíra viu.

BAÍRA – Viu que a terra era chuva.

PAVÃOZINHO – Teve pena da terra.

BAÍRA – Eu vou fazer uma nova experiência.

PAVÃOZINHO – Disse, e começou a cantar.

BAÍRA – Sobe o céu, Tupanagã.

Serei peixe para a terra.

Eu serei pirarucu
e poraquê eu serei.
Eu vou ser a miragaia
e o peixe-lua eu.
Tupanagã!
Fá-me um peixe que aguenta a flecha
e ensina a pescar

E eu,
eu serei o peixe.

Eu serei a rêmora,
espadarte e tamerlão,
barracuda, tubarão-martelo,
moreia, raia, peixe-ogro,
piracema, peixe-cão;
e o peixe serei
que aguenta a flecha
e ensina a pescar.

Vede,

eu, peixe-voador, vou descer do céu.

MUNDO!

PAVÃOZINHO – Decuá pocu.

Baíra dança

BAÍRA – Derivo

sobre o mar, sobre a terra,

divino.

EXPERIÊNCIA DE BAÍRA

Como Baíra inventou o fogo

BAÍRA – Vou fazer uma nova experiência.

PAVÃOZINHO – Nos mares...

BAÍRA – A fisália.

PAVÃOZINHO – Nas nuvens...

BAÍRA – O mosquito.

PAVÃOZINHO – No chão...

BAÍRA – A formiga-bala.

PAVÃOZINHO – No meio do fogo?

BAÍRA – Eu.

PAVÃOZINHO – Eu sou Baíra...

BAÍRA – Quem inventou o fogo.

PAVÃOZINHO – Baíra não tinha mãos.

BAÍRA – Tem uma ave...

PAVÃOZINHO – Que tem o fogo...

BAÍRA – Que vou inventar.

PAVÃOZINHO – O Urubu.

BAÍRA – Preciso do meu óleo.

PAVÃOZINHO – Teu óleo é o cupim.

BAÍRA (*coberto de cupins*) – Estou morto.

PAVÃOZINHO – É. Baíra morreu.

BAÍRA – Vê, Urubu: estou morto.

PAVÃOZINHO – Este é Baíra?

BAÍRA – Um deus entre os homens.

PAVÃOZINHO – Ouço?

BAÍRA – Não ouve.

PAVÃOZINHO – Baíra é morto?

BAÍRA – Morreu. Não faz muito tempo.

PAVÃOZINHO – Vai, fogo, deita-te com ele.

Meus filhos, comamos.

BAÍRA – Vem, Baíra é morto.

PAVÃOZINHO – Mas o morto fala?

BAÍRA – Não só.

Rouba o fogo

PAVÃOZINHO – Inventaram o fogo.

BAÍRA – É filho meu, e um dia vai comer o mundo.

PAVÃOZINHO – Vai, fogo...

BAÍRA – Atravessa o rio.

PAVÃOZINHO – Eu atravesso contigo.

BAÍRA – E rirás comigo.

EXPERIÊNCIA DE BAÍRA

Como Baíra fez as mulheres

BAÍRA – Discórdia!

PAVÃOZINHO – A terra, e um jabuti.

BAÍRA – Discórdia!

PAVÃOZINHO – Um dedo, e a dorme-dorme.

BAÍRA – Discórdia!

PAVÃOZINHO – A onda, e o vento a perseguir.

BAÍRA – O que tem o mundo?

PAVÃOZINHO – Coisas.

BAÍRA – Como é o mundo?

PAVÃOZINHO – Feito de mondrongos...

BAÍRA – Cujas cascas...

PAVÃOZINHO – Se chocam.

BAÍRA – Cujas cascas...

PAVÃOZINHO – Panejam, sem se tocar.

BAÍRA – E tudo é sólido.

PAVÃOZINHO – E só o ar é fogo.

BAÍRA – Só o ar é luz.

Luz que não termina.

PAVÃOZINHO – E fogo, interminável.

BAÍRA – Estaca no chão.

PAVÃOZINHO – Pedra sobre pedra, na lama.

BAÍRA – Quero celebrar...

PAVÃOZINHO – A matéria do mundo.

BAÍRA – Eu vou fazer uma nova experiência.

PAVÃOZINHO – Baíra não tinha mãos.

BAÍRA – Um arco...

PAVÃOZINHO – Para a flecha...

BAÍRA – Para o peixe.

Flecha alguns peixes

Com um arpão, recolhe-os

Para um homem?

PAVÃOZINHO – Não para o homem.

Para um bicho do homem.

BAÍRA – Peixe.

PAVÃOZINHO – Mestre.

BAÍRA – Faz a mulher.

Sopra sobre os peixes

Os peixes viram mulheres; vão-se, só uma fica

Qual é teu nome, mulher?

PAVÃOZINHO – Me dá um nome.

BAÍRA – Não tenho um nome para te dar.

PAVÃOZINHO – Por quê?

BAÍRA – Segredo é.

PAVÃOZINHO – Me diz.

BAÍRA – Segredo é.

PAVÃOZINHO – Diz, homem.

BAÍRA – Tenho medo do teu nome

que venha romper teus seios.

PAVÃOZINHO

Ri

Este é Baíra?

Baíra: deus, homem, peixe?

BAÍRA – Baíra – só.

PAVÃOZINHO – Adeus, vou fazer um cesto.

BAÍRA – Adeus.

O pavãozinho sai. Baíra começa a chorar.

EXPERIÊNCIA DE BAÍRA

Como Baíra se tornou rei

BAÍRA – O vento veste a textura do rio.

PAVÃOZINHO – Esta pele...

BAÍRA – Funde estações...

PAVÃOZINHO – Na escamaria dos pelos.

BAÍRA – E meu reino acaba

onde para a escama e o pelo.

Eu sou Baíra,

rei e inventor de todas as coisas.

PAVÃOZINHO – Para ser rei...

BAÍRA – Fiz da montanha um buraco,

da árvore um formigueiro.

PAVÃOZINHO – Para ser rei...

BAÍRA – Castrei o bicho-pau,

contei as nuvens.

PAVÃOZINHO – Para ser rei...

BAÍRA – Fiz cigarra com bem-te-vi

e mariposa com morcego.

PAVÃOZINHO – Para ser rei...

BAÍRA – Peguei o arco-íris

e fiz junco para pescar.

PAVÃOZINHO – Para ser rei...

BAÍRA – Roubei um raio do sol,

com ele minguei a lua.

PAVÃOZINHO – Para ser rei...

BAÍRA – Comi cru o poraquê,

fiz a jiboia se enforcar.

EXPERIÊNCIA DE BAÍRA

Como Baíra criou o coração

BAÍRA – Eu fiz...

PAVÃOZINHO – Do gelo o raio.

BAÍRA – Do fogo a gripe.

PAVÃOZINHO – Do vento a urtiga.

BAÍRA – Da grávida um meteoro.

PAVÃOZINHO – Mas não fiz...

BAÍRA – Do mundo o coração de um.

Eu vou fazer uma nova experiência.

PAVÃOZINHO – Baíra não tinha mãos.

BAÍRA – Água!

PAVÃOZINHO – Mestre.

BAÍRA – Deita-te.

A água se deita num buraco

Vinde.

Vinde, homens da terra brava,

eu sou aquele que espreme a dureza da carne
até sair um coração.

PAVÃOZINHO – Não queremos.

BAÍRA – Então fiquem.

PAVÃOZINHO – Nós queremos.

BAÍRA – Vinde.

Eu espremo a vossa carne

contra a água

té sair um coração.

A água se assusta.

“É gosto de gente

amargor na mandíbula.”

PAVÃOZINHO – Saímos da água.

BAÍRA – Para a ostra: polegar.

PAVÃOZINHO – Para a ova: facão.

BAÍRA – E quem não entrará nesta água?

PAVÃOZINHO – Nós.

BAÍRA – Por cima dos meus ombros...

PAVÃOZINHO – Éramos pedra.

BAÍRA – Pedra sois, e rugireis comigo.

PAVÃOZINHO – Mas nós, nós que saímos da água...

BAÍRA – Curai o coração

té vir um cristal

perfeito,

que eroda a água.

E sereis pedra, e rugireis comigo.

EXPERIÊNCIA DE BAÍRA

Como Baíra fez a noite

BAÍRA – Eu tenho visto...

PAVÃOZINHO – O golfinho não querer o mar.

BAÍRA – Um buriti soltar do outro.

PAVÃOZINHO – O rochedo entregar a turmalina.

BAÍRA – E que o amor é fraco demais.

PAVÃOZINHO – E que é o odor do sangue...

BAÍRA – O que move o humano, e quiçá tudo.

E não há areia...

PAVÃOZINHO – Mato...

BAÍRA – Ou sombra...

PAVÃOZINHO – Que coíba...

BAÍRA – Rasgar o intocável.

PAVÃOZINHO – E nada é sagrado.

BAÍRA – E nada é sagrado.

PAVÃOZINHO – Tu és Baíra...

BAÍRA – Eu vou fazer uma nova experiência.

PAVÃOZINHO – E Baíra não tinha mãos.

BAÍRA – O que é um girassol?

PAVÃOZINHO – Um sol, tapado com terra.

BAÍRA – E a semente?

PAVÃOZINHO – Preta e dura.

BAÍRA – Quero o meu bálsamo.

PAVÃOZINHO – Toma a lama.

BAÍRA (*coberto de lama*) – Quem sou?

PAVÃOZINHO – És difícil de olhar.

BAÍRA – Quem sou?

PAVÃOZINHO – És difícil de olhar.

BAÍRA – Quem sou?

PAVÃOZINHO – Tu estás olhando para as coisas. “É só isso?”

BAÍRA – É tudo luz?

PAVÃOZINHO – Tu giras e estremeces.

BAÍRA – E o mundo gira comigo.

PAVÃOZINHO – O deus questiona: “Quem me blasfema?”

BAÍRA – E eu digo...

PAVÃOZINHO – “Sou eu.”

BAÍRA – Teu nome é “Noite”.

PAVÃOZINHO – “Dos homens...”

BAÍRA – “Sou o mais infeliz.”

PAVÃOZINHO – “Eu ambulo pelo mundo...”

BAÍRA – Ele cresce para longe da minha face.

IMITAÇÃO DE BAÍRA

Como Baíra juntou os membros de Panema

BAÍRA – Contra...

PAVÃOZINHO – O urso, a toupeira.

BAÍRA – Contra...

PAVÃOZINHO – O rinoceronte, o besouro.

BAÍRA – Contra...

PAVÃOZINHO – O dragão, a minhoca.

BAÍRA – Que é tristeza?

PAVÃOZINHO – Jaca, caindo.

BAÍRA – E por que tristes?

PAVÃOZINHO – Um de nós se foi.

BAÍRA – Qual?

PAVÃOZINHO – Panema.

BAÍRA – Irmão do beija-flor.

PAVÃOZINHO – E de tudo que só vive um dia.

BAÍRA – Morreu como?

PAVÃOZINHO – Peixe quis ser, como...

BAÍRA – Como foi peixe Baíra.

PAVÃOZINHO – Sim.

BAÍRA – Na água...

PAVÃOZINHO – Pelos aguapés.

BAÍRA – A carne é fraca.

PAVÃOZINHO – A flecha é de pedra.

BAÍRA – E assim, morreu.

PAVÃOZINHO – Sim.

BAÍRA – Eu vou fazer uma nova experiência.

PAVÃOZINHO – Baíra não tinha mãos.

BAÍRA – Sangue!

PAVÃOZINHO – Meu senhor.

BAÍRA – Onde te deitas?

PAVÃOZINHO – Sobre a terra estrangeira.

BAÍRA – Guia-me.

PAVÃOZINHO – Eu serei teu guia.

BAÍRA – De onde...

PAVÃOZINHO – Pousa a folha...

BAÍRA – Sobe o eucalipto.

PAVÃOZINHO – Senta o seixo...

BAÍRA – Lacta o rio.

PAVÃOZINHO – Monta a cinza...

BAÍRA – Fede um vulcão.

PAVÃOZINHO – Este era Panema.

BAÍRA – A flecha, no meio do coração...

PAVÃOZINHO – Meio esplendor recolhe.

BAÍRA – Seus membros...

PAVÃOZINHO – Juntemos.

BAÍRA – Água, fogo, fervei a carne...

PAVÃOZINHO – Dura, fraca, desta criança.

Ferve os membros de Panema num tacho

BAÍRA – Vive Panema?

PAVÃOZINHO – Meu pé me dói.

Eu vivo?

BAÍRA – Levanta-te, menino e pedra.

Tu vives,

mas morre, um dia.

IMITAÇÃO DE BAÍRA

Como Apaiaguaú tentou imitar Baíra

BAÍRA – Apaiaguaú!

O que aconteceu com Apaiaguaú?

PAVÃOZINHO – Apaiaguaú vive longe.

BAÍRA – Num formigueiro rosa?

PAVÃOZINHO – Num formigueiro preto.

BAÍRA – Não o vejo tem tempos. Vou visitá-lo.

Põe um chapéu. Anda até o outro lado do palco.

Apaiaguaú!

PAVÃOZINHO – Sabe: Apaiaguaú está pra morrer.

BAÍRA – O que aconteceu com Apaiaguaú?

PAVÃOZINHO – Está morrendo.

BAÍRA – Por quê?

PAVÃOZINHO – Caiu da sumaúma.

BAÍRA – Buscava onças.

PAVÃOZINHO – Buscando onças...

BAÍRA – Para enganar sua fome.

PAVÃOZINHO – Só Baíra sabe a subida e a descida...

BAÍRA – Da sumaúma.

Tira o chapéu

Eu vou fazer uma nova experiência.

PAVÃOZINHO – Baíra não tinha mãos.

BAÍRA – Apaiaguaú!

PAVÃOZINHO – Meus ossos se quebraram,

eu pareço mais grande.

BAÍRA – Eu junto os teus ossos.

PAVÃOZINHO – Meu espírito, grande,

não enche mais a cabaça.

BAÍRA – O que aconteceu, Apaiaguaú?

PAVÃOZINHO – Sou como...

BAÍRA – A casca do louva-a-deus...

PAVÃOZINHO – Sem ele, sobre a meia-folha.

BAÍRA – Sou como...

PAVÃOZINHO – A concha do argonauta...

BAÍRA – Vazia, debaixo da brisa.

PAVÃOZINHO – Baíra, deixa meus ossos.

Eu vivo, mas não estou mais aqui.

BAÍRA – Este era Apaiaguaú.

PAVÃOZINHO – Seus joelhos arredavam as estrelas.

BAÍRA – Hoje é menor do que as formigas.

DESPEDIDA DE BAÍRA

BAÍRA – E o amor é fraco demais

e o sol está em cima do mundo

e só eu não tenho sombra.

PAVÃOZINHO – E o que sou eu?

BAÍRA – Quem és tu?

PAVÃOZINHO – Um nome que não deste?

BAÍRA – Um movimento que desloca as linhas.

PAVÃOZINHO – Uma sombra.

A sombra que deitas

sem saber, ao meio-dia.

BAÍRA – Será ilusão, ilusão?

PAVÃOZINHO – O sol está em cima do mundo.

BAÍRA – De que cor são os montes?

PAVÃOZINHO – A que os deste.

BAÍRA – Não têm mais a cor que dei.

PAVÃOZINHO – Qual cor têm agora?

BAÍRA – Uma que o sol não sabe fazer.

Nem eu.

PAVÃOZINHO – Penumbra.

BAÍRA – Eu disse:

vou celebrar a matéria do mundo;

eu disse:

luz que não termina.

PAVÃOZINHO – E o que é luz?

BAÍRA – O que não é sombra.

PAVÃOZINHO – O que é sombra?

BAÍRA – Casca.

PAVÃOZINHO – O que é sombra?

BAÍRA – Dentro.

PAVÃOZINHO – O que é sombra?

BAÍRA – Nada.

PAVÃOZINHO – Onde toca...

BAÍRA – Queima.

PAVÃOZINHO – Eu sou a sombra.

BAÍRA – Tu és a verdade deste mundo.

PAVÃOZINHO – Que é mentira.

Adeus, Baíra.

Adeus.

Fiz um cesto, quero decorar.

BAÍRA – Adeus! adeus!

O mundo está terminado;

Se apoia na ponta dos dedos dos pés,

um sangue de pedra o percorre,

olha para a plateia

rugindo.

-FIM-